

Ulisses, de James Joyce, 100 anos da publicação

Gentil de Faria¹

Resumo: O artigo objetiva dar uma ideia do conteúdo do romance *Ulysses*, de James Joyce, publicado em 1922, sobretudo em comparação com a *Odisseia*, de Homero, fonte principal da inspiração do autor irlandês. As alusões ao poema épico grego são abundantes e o conhecimento, ainda que um tanto superficial, facilita a tarefa do leitor em destrinchar o complicado enredo. Além das referências homéricas são cotejados fragmentos de cinco traduções para língua portuguesa: três elaboradas por brasileiros e duas, por tradutores portugueses. Com esse número de tradutores, provavelmente o mais elevado em qualquer outra língua, o extraordinário romance ganhou o merecido destaque nos estudos joyceanos tanto no Brasil como em Portugal.

Palavras-chave: Literatura Comparada. *Ulisses*. *Odisseia*. Tradução.

Abstract: The article aims to give an idea of the content of the novel *Ulysses*, by James Joyce, published in 1922, especially in comparison with Homer's *Odyssey*, the Irish author's main source of inspiration. The allusions to the Greek epic poem are abundant and the knowledge, although somewhat superficial, facilitates the reader's task of unraveling the complicated plot. In addition to the Homeric references, fragments of five translations into Portuguese are compared: three prepared by Brazilians and two by Portuguese translators. With this number of translators, probably the highest in any other language, the extraordinary novel gained the deserved prominence in Joycean studies both in Brazil and in Portugal.

Keywords: Comparative Literature. *Ulysses*. *Odyssey*. Translation.

¹ Professor sênior de literatura comparada na Universidade Estadual Paulista – Unesp E-mail: gentil.faria@unesp.br.

Se *Ulysses* não serve para ler,
a vida não serve para ser vivida.
James Joyce

Indagado sobre a dificuldade da leitura de *Ulysses*, James Joyce respondeu: “Introduzi tantos enigmas e quebra-cabeças que isso manterá os professores ocupados durante séculos discutindo sobre o que eu quis dizer, e essa é a única maneira de garantir a imortalidade de alguém”.² Essa famosa resposta abundantemente citada pelos estudiosos também foi usada como epígrafe para a biografia do escritor, escrita por Don Gifford, *Ulysses*, cuja segunda edição revista e aumentada saiu em 2008 pela editora da Universidade da Califórnia.

De fato, “difícil” é o termo mais usado para caracterizar da leitura do romance.

Jacques Benoît-Méchin

A dificuldade para ler o romance em inglês chamou a atenção de Sylvia Beach que logo propôs que a obra de Joyce fosse traduzida para o francês. Após intensa busca por um tradutor, um jovem escritor — Benoît-Méchin (1901-1983) — de apenas vinte anos, mas muito inteligente e fascinado pelo texto original, que se aplicou entusiasticamente ao trabalho por este permitir um contato mais próximo com o labiríntico texto Joyce.

Para traduzir o último episódio — “Penélope” — o jovem tradutor pediu para ver o “esquema” ou plano do livro, pois Joyce havia comentado a existência dele. O escritor deu-lhe alguns pedacinhos, mas antes protestou bem-humorado: “Se eu lhe desse tudo imediatamente, perderia minha imortalidade.

² I’ve put in so many enigmas and puzzles that it will keep the professors busy for centuries arguing over what I meant, and that’s the only way of insuring one’s immortality.

Coloquei aí dentro tantos enigmas e quebra-cabeças que manterei os professores ocupados por séculos, discutindo o que eu quis dizer, e esse é o único meio de assegurar nossa imortalidade” (Ellman, p. 642). O rapaz fez repetidos pedidos e Joyce, por fim, deu-lhe o esquema completo.

Mesmo antes de terminar de escrever o romance, Joyce reconheceu que o leitor precisaria de algum apoio para compreender as alusões matizadas e as estruturas intrincadas que ele havia colocado na obra. Mais tarde, ele enviou "esquemas" semelhantes a outros amigos e primeiros estudiosos de seu trabalho. Por fim, ele concedeu permissão a Stuart Gilbert para reproduzir o esquema num estudo acadêmico que este publicou em 1930.

Desde então, esse esquema tem sido reproduzido nas várias edições do romance. No Brasil, ele se encontra nas traduções de Antônio Houaiss e Bernardina Pereira Pinheiro. Assim, tendo o esquema diante dos olhos, o leitor poderá usufruir de uma leitura mais palatável e fluente.

Veja-se a seguir a reprodução do reivindicado resumo, que pode proporcionar melhor compreensão do texto intrincado.

Esquema de *Ulysses*

Episódio	Cena	Hora	Órgão	Arte	Cor	Símbolo	Técnica
1. Telêmaco	A torre	8	-	Teologia	Branco, ouro	Herdeiro	Narrativa (jovem)
2. Nestor	A escola	10	-	História	Castanho	Cavalo	Catecismo (pessoal)
3. Proteu	A praia	11	-	Filologia	Verde	Maré	Monólogo (masculino)
4. Calipso	A casa	8	Rim	Economia	Laranja	Ninfa	Narrativa (madura)
5. Os Lotófagos	O banho	10	Sexo	Botânica, Química	-	Eucaristia	Narcisismo
6. Hades	O Cemitério	11	Coração	Religião	Branco, preto	Zelador	Incubismo
7. Éolo	O jornal	12	Pulmão	Retórica	Vermelho	Editor	Entimemática
8. Os Lestrigones	O almoço	13	Esôfago	Arquitetura	-	Soldados	Peristáltica
9. Cila e Caribde	A biblioteca	14	Cérebro	Literatura	-	Stratford, Londres	Dialética
10. Rochas Ondulantes	As ruas	15	Sangue	Mecânica	-	Cidadãos	Labiríntica
11. As sereias	A sala de Concerto	16	Orelha	Música	-	Servidoras em bar	<i>Fuga per canonem</i>
12. Os ciclopes	A taverna	17	Músculo	Política	-	Feniano	Gigantismo
13. Nausícaa	As rochas	20	Olho, nariz	Pintura	Cinza, azul	Virgem	Tumescência, detumescência
14. O gado do Sol	O hospital	22	Ventre	Medicina	Branco	Mães	Desenvolvimento embriônico
15. Circe	O bordel	24	Aparelho locomotor	Mágica	-	Putas	Alucinação
16. Eumeu	O abrigo	1	Nervos	Navegação	-	Marinheiros	Narrativa (senil)
17. Ítaca	A casa	2	Esqueleto	Ciência	-	Cometas	Catecismo (impessoal)
18. Penélope	A cama	-	Carne	-	-	Terra	Monólogo (feminino)

As correspondências homéricas

Episódio 1: "Telêmaco"

Ulysses começa no topo da escada da torre Martelo em Sandycore, praia sul de Dublin, com Buck Mulligan, um estudante de medicina e Haines, um jovem inglês. Um ano se passou desde a morte da mãe de Stephen.

Na correspondência homérica, Stephen é Telêmaco, filho de Odisseu, e Mulligan representa Antínoo, um dos pretendentes de Penélope, mãe de

Telêmaco e mulher de Odisseu. Mulligan e Haines são os usurpadores de Stephen, pois não apenas se negam a dividir o pagamento do aluguel da torre, mas também exigem ficar com a chave da porta. O símbolo do episódio é o Herdeiro, que indica a condição de Telêmaco.

Episódio 2: “Nestor”

É por volta das 10 horas, Stephen está numa sala de aula ensinando História e Literatura. O tema da aula é a figura de Pirro, que lutara por uma causa perdida, e por isso despertava a simpatia de Stephen, que admirava a figura desse grande inimigo de Roma. O velho Nestor, na *Odisseia*, é um amansador de cavalos, motivo pelo qual o símbolo do episódio é o cavalo.

Episódio 3: “Proteu”

É por volta das 11 horas, Stephen caminha pela praia de Sandymount, localizada entre Dalkey e Dublin, em direção ao centro da cidade. Nesse episódio Joyce faz o emprego do fluxo da consciência, representado por extenso monólogo interior. A arte do episódio é a Filologia. Proteu, um mitológico monstro do mar, tinha a capacidade de mudar de forma segundo sua própria vontade.

Episódio 4: “Calipso”

O tempo recua para entre 8 e 9 horas. Estamos na Rua Eccles número 7, residência de Leopoldo Bloom e sua mulher Marion (“Molly”). Ele tem 38 anos; e é um vendedor de anúncios de publicidade. Sua mulher está com 33 anos, e é uma cantora lírica. Ambos têm uma filha, Milly, de 15 anos, que trabalha em outra cidade (Mullingar). O casal teve outro filho, Rudolph Bloom, falecido há

onze anos, com poucos dias de vida. Embora tenha sido batizado na igreja Católica, Bloom nasceu de pai judeu e é considerado por todos um Judeu. Ele sai de casa para comprar rim num açougue. Daí, a arte do episódio ser a Economia, e o símbolo Ninfa (Calipso/Molly).

Episódio 5: “Os lotófagos”

É por volta das 10 horas, Bloom anda preguiçosamente até um banho público. Sua casa na Eccles Street não tinha banho. Deitado na água, contempla seus genitais, “uma lânguida flor flutuante”. Seguindo caminho, ele entra numa agência do correio; recolhe uma carta, e depois passa por uma farmácia e compra um sabonete. A Botânica e a Química são as artes do episódio. O título Lotófagos (“comedores de lótus”) refere-se ao incidente no qual os elementos do grupo de Odisseu comeram a flor lótus, uma droga que os fez esquecer suas casas e os desejos de permanecer onde estavam.

Episódio 6: “Hades”

São entre onze horas e o meio-dia. Bloom assiste ao funeral de Patrick Dignam, juntamente com outros conhecidos, entre os quais Simon Dedalus, pai de Stephen. O episódio corresponde à descida de Odisseu à mansão dos mortos. A cena é o cemitério de Glasnevin, ao norte da cidade, onde os acompanhantes reencontram os túmulos dos vultos históricos da Irlanda. O episódio tem por arte a Religião, e como símbolo, o Zelador, isto é, o administrador do cemitério.

Episódio 7: “Éolo”

É por volta do meio-dia. Corresponde à visita de Odisseu à tumultuada ilha de Éolo, o deus dos ventos. A cena é a redação do jornal *Freeman*, um local barulhento e ventoso. A Retórica é a arte do episódio; e o órgão é o pulmão. Éolo corresponde a Myles Crawford, o editor do jornal, é o guardião dos ventos. Na *Odisseia*, Éolo foi hospitaleiro com Odisseu e deu-lhe um saco lacrado contendo todos os ventos, exceto aquele que levaria seu navio para casa. Os homens de Odisseu abriram o saco e os ventos liberados desviaram o navio do curso, provando a desobediência dos marinheiros; Éolo negou a Odisseu um segundo pedido de ajuda.

Episódio 8: “Os lestrígonas”

Hora do almoço entre uma e duas horas, Bloom come um sanduíche no pub Davy Byrne. Todo o episódio gira em torno de alimento e digestão. O órgão é o esôfago. No vaivém pelas ruas, que são comparadas aos intestinos da cidade, Bloom encontra muitos conhecidos. A arte é a Arquitetura, isto é, a forma; e o símbolo, os Soldados, que percorrem as ruas (intestinos da cidade). Os lestrígonas (ou lestrigões) eram canibais gigantes que devoraram vários homens de Odisseu; o líder deles era Antífates, cuja filha atraía homens para devorá-los.

Episódio 9: “Cila e Caribde”

O local é a biblioteca Nacional, entre duas e três horas. A arte do episódio é a Literatura, e o órgão, o cérebro. Odisseu teve que enfrentar dois perigos enormes. Cila é um monstro de seis cabeças, e Caribde, um redemoinho

gigante. No episódio a figura de Odisseu está associada com Sócrates, Jesus e Shakespeare.

Episódio 10: “As rochas ondulantes”

Em 19 seções breves, ao leitor é dado conhecer várias partes da cidade, envolvendo diversos tipos de pessoas. Joyce associou os grupos de cidadãos de Dublin com as Rochas ondulantes, que eram duas rochas gigantes que flutuavam para destruir embarcações que tentavam passar entre elas. A arte é a Mecânica; o símbolo são os cidadãos em seu fluxo pelas veias. O órgão, por obviedade, é o sangue.

Episódio 11: “As sereias”

O tempo marca por volta das quatro horas. É o episódio no qual Joyce emprega várias técnicas da arte da música. O órgão é o Ouvido. As garçonetes Douce e Kennedy correspondem às sereias, cujo canto atraía marinheiros para esmagá-los contra as rochas. Odisseu alertou seus companheiros para colocarem cera em seus ouvidos para que eles não pudessem ouvir os cantos. Ele próprio se amarrou ao mastro para poder ouvir as sereias, mas não ceder aos seus cantos.

Episódio 12: “Os ciclopes”

A cena ocorre no pub de Barney Kierman por volta das cinco horas. O episódio se assemelha ao gigante de um só olho, Polifemo, que aprisiona Odisseu e os companheiros em sua caverna para devorá-los. O herói grego fura o olho do monstro com a ponta quente de uma acha.

Episódio 13: “Nausícaa”

O horário é entre 8 e 9 horas, praia de Sandymount. Bloom dedica sua atenção para um grupo de crianças brincando na praia. Boa parte desse episódio revela os pensamentos de Gerty MacDowell, uma jovem lança olhares amorosos a Bloom, chegando a excitá-lo. Gerty corresponde à Nausícaa, a princesa que encontrou Odisseu depois que ele foi lançado na praia, nu e sozinho. Os órgãos são Olho e Nariz. A arte é a pintura.

Episódio 14: “Os touros do Sol”

A cena é a maternidade, e o horário, 10 horas. Bloom vai visitar sua amiga parturiente, a Sra. Mina Purefoy. O órgão é o Ventre e a arte, a Medicina. Joyce associou o hospital com a ilha dos Touros do Sol. Odisseu alertou seus companheiros não matarem os touros, símbolo sagrado da fertilidade, mas eles não lhe obedecem, provocando Zeus a destruir seu navio com um raio.

Episódio 15: “Circe”

Circe lembra a feiticeira que transformara os marinheiros de Odisseu em suínos. É por volta da meia-noite. A maior parte do episódio transcorre no bordel Bella Cohen. O órgão é o Aparelho Locomotor (alusão às pernas das meretrizes). A arte é a Magia, e símbolo, a Prostituta. Bella corresponde a Circe, a feiticeira que transformou a tripulação de Odisseu em porcos. Odisseu os resgatou por meio de uma erva mágica e eles voltaram a ser homens novamente.

Episódio 16: "Eumeu"

É por volta de uma hora da manhã. A personagem Pele de cabra (skin-the-goat) corresponde a Eumeu, o fiel pastor de porcos em cuja cabana Odisseu disfarçado recebeu abrigo quando retornou a Ítaca. Os esquemas identificam Murphy, o marinheiro, como "Ulysses Pseudoangelos" ("Ulisses, o Falso Mensageiro". Ele é aparentemente um Odisseu falso ou mentiroso — semelhante e diferente do Odisseu homérico. Os nervos são o órgão do episódio, e a Navegação, a arte.

Episódio 17: "Ítaca"

São por volta das duas horas, Stephen e Bloom caminham em direção à Eccles Street, 7. Apesar de Bloom ter convidado Stephen para passar a noite em sua casa, o jovem não aceita o convite. O órgão é o Esqueleto, e a arte, a Ciência. Ítaca é o lar de Odisseu. Blazes Boylon corresponde a Eurímaco, o segundo pretendente que Odisseu mata após o retorno ao palácio; o primeiro é Antínoo, comparável a Buck Mulligan do episódio um.

Episódio 18: "Penélope"

Enfoca Molly Bloom na cama, reproduzindo seu longo monólogo interior madrugada afora. Ela revê o passado, pensa nos homens que já teve, e revela sentimentos de mãe e de amante. Sua atitude final é afirmativa. O órgão é a Carne. É o único episódio para o qual não foi designada uma arte.

As traduções em língua portuguesa³

O trecho mais famoso e um dos mais citados de toda a literatura, o monólogo de Molly Bloom encerra o romance *Ulisses*, escrito por James Joyce e publicado em 1922. É uma das peças mais representativas do uso da técnica do fluxo de consciência – *stream of consciousness*. São oito longas frases distribuídas por cerca de 50 páginas sem pontuação. Nesse impressionante fluir de ideias aparentemente desordenadas, a personagem, entre o sono e a reflexão, revê seu passado, lembra os homens que já teve, e expressa sentimentos de mãe e de amante, tanto em relação ao marido Leopold Bloom e a outros homens, como o jovem Stephen, que espera conhecer melhor.

Jorge Luís Borges (1899-1986) no artigo “El ‘Ulyses’ de Joyce”, publicado originalmente em 1925, vangloria-se de ter sido o primeiro a empreender a tradução do romance no mundo hispânico: “Sou o primeiro aventureiro hispânico que chegou ao livro de Joyce.”⁴. Um pouco mais adiante, expressando comovente sinceridade, faz outra confissão ao dizer que não havia lido todo o livro: “Confesso que não li as setecentas páginas que o compõem, confesso que o pratiquei apenas aos poucos.”⁵.

A tradução a que se refere Borges foi publicada na revista *Proa*, que ele fundara e estava dirigindo. O trecho escolhido por ele foi o final do monólogo de Molly Bloom, a última página do romance, com cerca de 50 linhas. Aqui a personagem lembra como conheceu e seduziu seu futuro marido, fazendo-o pedi-la em casamento há dezesseis anos. Sua memória, apesar da sonolência da madrugada, revela-se bastante viva. Ela recorda que ele vestia um terno de

³ Para uma visão mais aprofundada, ver Faria (2024).

⁴ “Soy el primer aventurero hispánico que há arribado al libro de Joyce” (p. 22).

⁵ “Confieso no haber desbrozado las setecientas páginas que lo integran, confieso haberlo practicado solamente a retazos” (p. 22).

tuíde cinza e chapéu de palha, e que por aquela ocasião ele a chamava de flor da montanha.

Após ter sido traduzido para diversos idiomas, *Ulysses* esperou quase meio século (43 anos) para ser lido em língua portuguesa. Esse feito deveu-se ao filólogo e lexicógrafo Antonio Housaiss com a publicação da sua celebrada tradução lançada pioneiramente em 1966, e desde então vem sendo reeditada com certa frequência.

Muito provavelmente a língua portuguesa foi a que recebeu maior número de traduções de *Ulysses*. Foram quatro tradutores brasileiros (Haroldo de Campos, Antônio Houaiss, Bernardina da Silveira Pinheiro e Caetano W. Galindo), e dois lusitanos (Palma-Ferreira e Jorge Vaz). Para um breve exercício de comparação entre elas, escolhi a parte final do romance. Trata-se do fim do monólogo de Molly Bloom, que, deitada na cama, entre a sonolência e o despertar, rememora seu primeiro encontro amoroso com Leopoldo Bloom.

James Joyce (1882-1941)

and then I asked him with my eyes to ask again yes and then he asked me would I yes to say yes my mountain flower and first I put my arms around him yes and drew him down to me so he could feel my breasts all perfume yes and his heart was going like mad and yes I said yes I will Yes. (Joyce, 2000, p. 931-933).

Haroldo de Campos (1929-2003)

e então convidei-o com os olhos a perguntar-me de novo sim ele perguntou-me se eu queria sim dizer sim minha Flor da montanha e primeiro enlacei-o com meus braços sim e puxei-o para mim para que pudesse sentir meus seios só perfume sim e seu coração disparando como louco sim eu disse sim eu quero Sim. (Campos, 2001, p. 139-40).

Haroldo de Campos deve ser considerado o primeiro brasileiro a traduzir uma página de *Ulisses*, a mesma que Jorge Luís Borges traduzira em 1925. Isso ocorreu em 1962, data da primeira publicação de *Panaroma do Finnegans Wake*, em que Haroldo e seu irmão Augusto traduziram essa obra de Joyce. Ao traduzir o último episódio de *Finnegans Wake*, Haroldo faz uma comparação estilística desse fragmento com o final do monólogo de Molly Bloom e, então, apresenta a tradução aqui reproduzida.

Antônio Houaiss (1915-1999)

e então eu pedi a ele com os meus olhos para pedir de novo sim e então ele me pediu quereria eu sim dizer sim minha flor da montanha e primeiro eu pus os meus braços em torno dele sim e eu puxei para baixo pra mim para ele poder sentir meus peitos todos perfume sim o coração dele batia como louco e sim eu disse sim eu quero Sims. (Joyce, 1967, 845-846).

A tradução de Houaiss recebeu uma tempestade de críticas, muitas delas escritas por quem sequer conhecia o texto original. Aquele “Sims” escrito no plural, que procura bem reproduzir a ênfase contida no original, foi objeto de ironia mordaz por parte dos comentaristas. Não faltou quem não ensinasse que advérbio é palavra invariável e como tal não recebe plural. Várias resenhas recomendaram que o texto original é “mais fácil de ser lido” do que a tradução empreendida pelo brilhante filólogo brasileiro.

João Palma-Ferreira (1931-1989)

e depois pedi-lhe com os olhos para pedir outra vez sim e depois ele pediu-me se eu queria sim dizer sim minha flor da montanha e primeiro pus os braços em volta dele sim e puxei-o para baixo para mim para que pudesse sentir os meus seios todos perfume sim e o coração batia-lhe como louco e sim eu disse sim eu quero Sim. (Joyce, 1989, p. 843-844).

A tradução de *Ulysses* custou ao tradutor português quase dois anos de atividade, e foi um dos últimos trabalhos produzidos pelo escritor e tradutor João Palma-Ferreira, que a concluiu no mesmo ano da sua morte, ocorrida em 1989. É curioso constatar que tradutor e editor da publicação não fazem qualquer menção à tradução brasileira feita por Antônio Houaiss havia mais de 20 anos. Constitui-se uma ironia lembrar que a editora se chamava “Livros do Brasil.”.

Bernardina da Silveira Pinheiro (1922-1921)

e então eu lhe pedi com meus olhos que pedisse novamente sim e então ele me pediu se eu queria sim dizer sim minha flor da montanha e primeiro eu pus meus braços à sua volta sim e o arrastei para baixo sobre mim para que ele pudesse sentir meus seios todos perfume sim e seu coração disparou como louco e sim eu disse sim eu quero Sim. (Joyce, 2005, p. 814-815).

A professora Bernardina da Silveira Pinheiro é uma das poucas mulheres que traduziram *Ulysses*. Na América Latina, ela detém o privilégio de ser a única até o momento. Qual será o motivo da ausência feminina na difícil tarefa de traduzir esse romance, tachado invariavelmente de “difícil”? A esmerada tradução de Bernardina, entretanto, é pouco conhecida, e fica em terceiro plano em comparação com a preferência dada às de Houaiss e Galindo.

A preocupação em reproduzir a linguagem coloquial do original norteou o trabalho de Bernardina, que reconhece, no entanto, que uma “tradução nunca pode ser perfeita, pois são distintas as índoles das línguas em questão e há, às vezes, coisas intraduzíveis, armadilhas a serem vencidas, como é o caso dos *puns* – jogos de palavras – tão usuais entre os escritores de língua inglesa, como Shakespeare e Joyce.” (p. XV).

Jorge Vaz de Carvalho (1955-)

e depois eu pedi-lhe com os olhos para pedir de novo sim e depois ele pediu-me se eu queria sim dizer sim minha flor da montanha e primeiro eu pus os braços à volta dele sim e puxei-os para mim para que ele pudesse sentir os meus seios todos perfume sim e o coração dele ficou como louco e sim eu disse sim eu quero Yes. (Joyce, 2022a, p. 729-730).

A segunda tradução em português lusitano foi publicada pela primeira vez em 2013, e saudada pelos resenhistas da época como um “notável empreendimento filológico e literário” e “um avanço sobre as outras”, mesmo comparando-se com as produzidas pelos tradutores brasileiros.

Caetano W. Galindo (1973-)

e aí pedi com os olhos pra ele pedir de novo sim e aí ele me perguntou se eu sim diria sim minha flordamontanha e primeiro eu passei os braços em volta dele sim e puxei ele para baixo pra perto de mim pra ele poder sentir os meus peitos só perfume sim e o coração dele batia que nem louco e sim eu disse sim eu quero Sim. (Joyce, 2022b, p. 715).

A mais recente tradução do romance de Joyce foi a publicada em 2022, ano comemorativo do centenário da publicação do texto original. Na realidade, essa tradução havia sido publicada em 2012, mas foi relançada para aproveitar a celebração dos 100 anos do lançamento em Paris, em 1922. A “nota do tradutor” esclarece a existência das duas versões:

Não se trata de uma nova tradução, mas sim de uma releitura que reflete algo do que eu hei de ter aprendido. E, por que não, algo do que em mim mudou como pessoa nesse tempo todo. Resta esperar que as mudanças (tanto em mim quanto no texto) tenham sido majoritariamente para melhor (Joyce, 2022b, p. 21).

Referências

BORGES, Jorge Luis. “La última hoja de Ulises”. *Proa*. (segunda época). Año Segundo. Número 6, Enero 1925, Buenos Aires, p. 8-9.

BORGES, Jorge Luis. El ‘Ulises’ de Joyce”. In: BORGES, Jorge Luis. *Inquisiciones*. Madrid: Alianza Editorial. Sexta reimpressão, 2008. p. 22-28.

BOWKER, Gordon. *James Joyce: A New Biography*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2013.

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. *Panaroma do Finnegans Wake*. São Paulo: Perspectiva, 4. ed. rev. e ampl. 2001. p. 139-40.

ELLMAN, Richard. *James Joyce*. Trad. Lya Luft. São Paulo: Globo, 1989.

FARIA, Gentil de. O monólogo de Molly Bloom em seis traduções para o português. In: RAPUCCI, Cleide Antonia; FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira; ROCHA, Guilherme Magri da (org.). *Literatura e cultura: incursões em experiências estéticas*. Assis: UNESP-Campus de Assis, 2024. p. 141-154.

GIFFORD, Don. *Ulysses Annotated*. Second edition revised and enlarged. Berkerly UCP, 2008.

JOYCE, James. *Ulisses*. Trad. Antônio Houaiss. 2. ed. rev. Rio: Civilização Brasileira, 1967. [1966].

JOYCE, James. *Ulisses*. Trad. João Palma-Ferreira. Lisboa: Livros do Brasil, 1989.

JOYCE, James. *Ulysses*. Annotated Student Edition. London: Penguin, 2000, p. 931-933.

JOYCE, James. *Ulisses*. Trad. Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio: Objetiva, 2005, p. 814-815.

JOYCE, James. *Ulisses*. Trad. Jorge Vaz de Carvalho. 3. ed. Lisboa: Relógio D’Água, 2022a. [2012].

JOYCE, James. *Ulysses*. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2022b.